



GT 17. Antropologias da paisagem

Coordenador(es):

Thiago Mota Cardoso (UFAM - Universidade Federal do Amazonas)

Pedro Castelo Branco Silveira (Fundaj)

Sessão 1 - HABITAR PAISAGENS

Debatedor/a: Emmanuel Duarte Almada (UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Sessão 2 - COSMOPOLÍTICA DAS PAISAGENS E MODOS DE RESISTÊNCIA

Debatedor/a: Rafael Palermo Buti (UNILAB - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira)

Sessão 3 - PAISAGENS NO/DO ANTROPOCENO

Debatedor/a: Karine Lopes Narahara (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Paisagem é uma categoria que tradicionalmente ganhou pouco destaque nas discussões antropológicas, geralmente compreendida a partir de suas dimensões estéticas e representacionais, especialmente aquelas relacionadas ao campo visual. Recentemente, abordagens processuais das paisagens tem ganhado força a partir, por um lado, do questionamento das fronteiras entre natureza e cultura, com autores contemporâneos como Philippe Descola, Tim Ingold e Anna Tsing e, por outro lado, com abordagens que incluem a dimensão da ecologia política e do reconhecimento público de paisagens como patrimônio imaterial de povos e comunidades tradicionais. O GT discutirá as diversas possibilidades do uso do conceito de paisagem na antropologia, incluindo abordagens estéticas e processuais, dimensões visuais, sonoras ou táteis, e suas relações com outros conceitos antropológicos tais como território, terra, lugar, ambiente e patrimônio, e com os debates sobre o Antropoceno. São encorajadas experimentações etnográficas que se fazem em diálogos com outras disciplinas que se utilizam desta categoria, entre elas a geografia, a ecologia e as artes visuais.

Pescadores e botos na Barra do Rio Tramandaí: paisagens e transformações urbanas nas paisagens do Litoral Norte do Rio Grande do Sul/Brasil

Autoria: Olavo Ramalho Marques (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Apresento, neste work, reflexões a partir de uma pesquisa etnográfica acerca das territorialidades e paisagens da ?Barra do Rio Tramandaí?, onde a foz do rio Tramandaí junto ao Oceano Atlântico compõe um estuário que delimita a fronteira entre Tramandaí e Imbé, municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul que fazem parte da rede urbana reconhecida oficialmente como Aglomeração Urbana do Litoral Norte. Este território sedia uma relação singular entre humanos e não humanos: a interação entre pescadores artesanais de tarrafa (rede circular) e botos (Golfinhos Nariz-de-Garrafa), que pescam tainhas em conjunto, em um esquema reconhecido como pesca artesanal cooperativa. Esta etnografia, mediada pela produção de imagens em vídeo visando à produção do documentário etnográfico ?Pesca do Boto", privilegia a perspectiva dos pescadores artesanais sobre esta paisagem e suas transformações, na curta e na longa duração - uma vez que, para além do que se vê, as paisagens também se constróem a partir do que se escuta, incluindo-se aí o "som ambiente" mas também as narrativas que recompõem seus processos de produção e transformação. Portadores de memórias e saberes quanto aos botos (comportamentos, relações intergeracionais, reações às ações humanas), quanto às paisagens (ventos, marés, ciclos das águas) e suas transformações, os pescadores, em suas narrativas biográficas, remontam memórias e trajetórias de vida que



conduzem à compreensão de uma singularidade enquanto grupo, bem como de lógicas e tendências de ocupação, transformação e desenvolvimento do Litoral Norte, tendo em vista o crescimento urbano, a degradação ambiental, a pesca industrial predatória e conflitos gerados em tais processos. Reunindo contribuições de estudiosos tais quais Simmel, Durand, Bateson, Berque, Ingold e Descola, busca-se refletir sobre a paisagem como categoria de análise, uma vez que está em jogo, neste contexto etnográfico, todo um tensionamento e extravazamento dos próprios limites entre natureza e cultura - inclusive da cultura como construto exclusivamente humano. Coletivos de humanos e não humanos se engajam em uma forma social complexa amparada neste território; ao mesmo tempo, a presença das interações interespecíficas compõe a Barra como paisagem dotada de densa singularidade. Pensando a paisagem em seu processo no tempo, uma vez que realizamos uma "etnografia da duração?", como propõem Rocha e Eckert, emerge a projeção de futuros possíveis - cenário em ganha especial relevo, nas reflexões dos pescadores, uma dramática em torno de uma iminente impossibilidades de perpetuação desta prática. Tal percepção tem pautado a busca por mecanismos de valorização da figura do pescador, de preservação ambiental e de registro do Patrimônio Cultural associado à pesca cooperativa.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: